

Paraíso ecológico ameaçado

Segundo a analista da Feam, a CBA garantiu ontem que pretende minerar na região daqui a 30 anos, mas plantadores de café e pecuaristas não querem a mineração da bauxita no entorno do parque

Da Redação

Cristiana Andrade Marcelo Sant'Anna/EM – 10/3/06



Exploração de bauxita no entorno do Parque Serra do Brigadeiro preocupa comunidades e produtores rurais

Comunidades do entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, na Zona da Mata, debatem até amanhã, em Muriaé, a exploração de bauxita na região. Do evento participam representantes da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (Alemg), Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), Instituto Estadual de Florestas (IEF), Comissão Pastoral da Terra, Movimento dos Atingidos por Mineração e das prefeituras e organizações não-governamentais. A série de reuniões públicas, organizada pela Fundação Estadual de Meio Ambiente (Feam), começou ontem em Divino e ocorre hoje em Miradouro.

A CBA, empresa do Grupo Votorantim, tem 42 processos de licenciamento ambiental junto ao DNPM e à Feam para extração de bauxita em área dentro da zona de amortecimento do parque. “A área está a 10 quilômetros de distância da unidade de conservação, mas ainda não existe nenhuma atividade nessa área. As reuniões são para esclarecer à população sobre a situação da exploração de bauxita em vigor e ouvir suas observações, opiniões e reclamações”, explica a analista ambiental da Divisão de Extração de Minerais Metálicos da Feam, Regina Maia Guimarães.

Dos 42 processos da CBA, 12 encontram-se em fase de licença prévia na Feam (primeiro estágio para obtenção da licença propriamente dita, quando o empreendedor deve apresentar, além de projetos, uma série de estudos de impacto ambiental, por exemplo) e 30 já em fase de licença de implantação (LI). “Mas isso não quer dizer que a licença de operação (LO) vai ser concedida. A LI é requerida porque o DNPM exige para conceder o direito de lavra. A Feam vai pedir a anuência do IEF sobre o assunto”, diz Regina.

Segundo a analista da Feam, a CBA garantiu ontem que pretende minerar na região daqui a 30 anos, mas plantadores de café e pecuaristas não querem a mineração da bauxita no entorno do parque, criado em setembro de 1996 e aberto à visitação em 2005. A unidade tem 13,2 mil hectares de matas nativas e serve como refúgio de espécies ameaçadas de extinção, como o mono-carvoeiro e a jaguatirica. A Zona da Mata mineira é rica em bauxita e na região há três grandes empresas que já exploram o mineral, matéria-prima para a fabricação de alumina, usada na produção de alumínio metálico.

De acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (Snuc), criado por lei federal em 2000, é possível haver atividade de impacto em zonas de amortecimento de unidades de conservação,

mas o critério de avaliação dos órgãos ambientais é rigoroso, antes do empreendimento ser licenciado. “O Brigadeiro ainda não tem plano de manejo completo, que determina o uso das áreas, inclusive de amortecimento. Mas, no caso da mineração, só depois da avaliação da Feam e do IEF, e das discussões com a comunidade é que haverá um posicionamento mais definitivo”, diz o diretor de Biodiversidade e Pesca do IEF, Célio de Carvalho Valle. O representante da CBA que participou da reunião não foi encontrado pelo Estado de Minas para comentar o assunto.